

IMPACTOS DA COVID-19 NA REALIZAÇÃO DE EXAMES CITOPATOLÓGICOS DE CÂNCER DE COLO DE ÚTERO REALIZADOS NO BRASIL

LUIZA JORGE RODRIGUES¹; MARINA SILVEIRA VILLELA²; RAFAELA CAMPELLO³; LUÍSA JARDIM CORRÊA DE OLIVEIRA⁴, CAMILA PERELLÓ FERRÚA⁵

¹Universidade Católica de Pelotas - luiza.jorge@sou.ucpel.com.br

²Universidade Católica de Pelotas - marina.villela@sou.ucpel.com.br

³Universidade Católica de Pelotas - rafaela.campello@ucpel.com.br

⁴Universidade Católica de Pelotas - luisa.oliveira@ucpel.edu.br

⁵Universidade Católica de Pelotas - camila.ferrua@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A neoplasia maligna de colo uterino é uma das principais causas de morte oncogênicas entre as mulheres a nível mundial. O câncer de colo de útero é uma infecção permanente por tipos neoplásicos do Papiloma Vírus Humano (HPV) (LOPES; RIBEIRO, 2019). Apesar de ser altamente evitável, a incidência estimada para o Brasil, para cada ano do triênio de 2023 a 2025, é de 17.010, correspondendo a um risco estimado de cerca de 16 casos a cada 100 mil mulheres. (INCA, 2023)

Dentre as formas de prevenção do câncer de colo de útero estão a vacinação contra o vírus HPV, para meninas e meninos com idade de 9 a 14 anos, e a colpocitologia oncótica cervical, o exame preventivo, conhecido popularmente como Papanicolau (MS, s.d.). Nesse contexto, vale ressaltar que a vacinação, embora efetiva para prevenir o vírus, não trata infecções já instaladas do HPV. Já o Papanicolau, permite a identificação de células anormais no epitélio de revestimento do colo uterino, possibilitando o tratamento dessas antes que se desenvolva uma neoplasia maligna. O exame, além de ser usado para rastreio de doenças, auxilia no diagnóstico do câncer de colo de útero e, definido pelo Ministério da Saúde, deve ser priorizado para mulheres de 25 a 60 anos, uma vez por ano e, após dois exames anuais consecutivos negativos, a cada três anos, periodicidade essa cuja importância de ser respeitada é fundamental para aumento de diagnósticos e tratamento precoce de neoplasia maligna de colo uterino (MS, 2013). Com isso, destaca-se a importância do exame citopatológico de colo uterino sob a condição de rastreamento para prevenir o surgimento de um tumor maligno (MS, s.d.).

No entanto, acontecimentos de nível global, como o surgimento da pandemia de COVID-19, podem impactar na realização de exames preventivos. Em 2020, com a consolidação do conhecimento do veículo de transmissão do SARS-CoV-2, medidas de distanciamento e isolamento social foram adotadas com objetivo de conter a disseminação do coronavírus, o que adiou atividades eletivas, como exames médicos de rastreio, onde aloca-se a o Papanicolau (RIBEIRO; CORREA; MIGOWSKI, 2022). Assim, acredita-se na hipótese de que a realização de exames de diagnóstico e rastreamento da neoplasia maligna de colo uterino tenham sido impactados por tal pandemia global.

Desse modo, mostrou-se necessária a investigação dos impactos das medidas de prevenção da COVID-19, isolamento e distanciamento, em relação à realização dos exames citopatológicos feitos através do Sistema Único de Saúde (SUS) no período pandêmico, tendo em vista as possíveis implicações na saúde da mulher a

longo prazo, devido ao extenso período de latência do vírus HPV e a eminente capacidade de malignização.

2. METODOLOGIA

Esse foi um estudo do tipo ecológico, com base em dados secundários do Departamento de Informática do SUS (DATASUS) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes aos anos anteriores (2018 e 2019) e durante (2020 e 2021) a pandemia de COVID-19.

Para a coleta de dados no DATASUS foram mantidos padrões de pesquisa, permitindo a comparação fidedigna dos dados. Para isso foi selecionado local de residência, procedimento (diagnóstico de neoplasia maligna do colo do útero, coleta de material do colo do útero ou óbitos por neoplasia maligna do colo do útero), faixa etária de 25 a 64 anos, sexo feminino e o ano correspondente (2018, 2019, 2020 e 2021). O número de mulheres em idade para realização do exame foi coletado através do IBGE, associado aos dados de todos os estados pertencentes a cada região do Brasil, garantindo verossimilhança.

Os seguintes dados - número de mulheres em idade para realização do exame, número de exames realizados, número de diagnósticos de neoplasia maligna - foram coletados por ano e seguindo as macrorregiões do Brasil - norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste. Já o número de óbitos causados por neoplasia do colo de útero foi coletado anualmente (2018, 2019 e 2020), de acordo com os dados disponíveis e atualizados.

Cabe ponderar que esse método de escolha ocorreu devido ao dado do ano de 2021 não estar disponível ainda no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados coletados, observa-se que o número de mulheres entre 25 e 64 anos, faixa etária recomendada pelo Ministério da Saúde para realização de exames citopatológicos de colo uterino (MS, 2013), aumentou em cerca de 2,5 milhões entre o período pré-pandêmico e pandêmico. Tal crescimento ocorreu em todas regiões do Brasil, contudo a região sudeste se destaca, provavelmente, devido aos seus aspectos demográficos, visto que, segundo o IBGE, é a região mais populosa do país.

Entretanto, apesar do aumento no número de mulheres para realização do exame citopatológico de câncer de colo de útero, constatou-se queda na quantidade de exames realizados. No Brasil, houve um decréscimo de aproximadamente 48%, uma vez que no período pré pandêmico foram feitos 218.577 exames citopatológicos, enquanto no início da pandemia se realizaram 113.562. Assim, sustenta-se a hipótese de que as medidas de prevenção contra a COVID-19, influenciaram na queda de tais exames citopatológicos no referido ano, haja vista que em maio de 2020 o Brasil ocupava a 4ª posição em números absolutos de casos confirmados de COVID-19, e a 6ª posição mundial em óbitos confirmados.

Não menos importante, a literatura sugere outros aspectos que influenciam a não realização de exames citopatológicos. Por meio de um estudo realizado com mulheres atendidas pelo INCA (Instituto Nacional do Câncer), observou-se que a falta de tempo em função de longas jornadas de trabalho, responsabilidade com criação dos filhos, sustento da família, temor do ambiente médico e aspectos

culturais podem ser dificultadores para a realização do exame (RANGEL; LIMA; VARGAS, 2015).

Durante análise das macrorregiões brasileiras, demonstrou-se que a região norte foi a mais impactada pela queda no número de exames Papanicolau. Além disso, foi analisado que até a semana 20 do ano de 2020 essa tinha sido a região com maior percentual de municípios afetados e com maiores taxas de mortalidade pela COVID-19 (CAVALCANTE et al., 2020). Assim, sugere-se que as medidas de prevenção contra a pandemia colaborem para que a realização de exames preventivos tenha sido postergada.

Ao longo do ano de 2021 a realização de exames citopatológicos voltou a subir, e acredita-se que isso se deva à flexibilização de medidas de isolamento social e, sobretudo, pelo início das campanhas de vacinação contra COVID-19 no Brasil.

Observou-se que, de 2018 para 2019, houve aumento nos diagnósticos de neoplasia do colo do útero. Do ano de 2019 para o ano de 2020 houve leve diminuição, porém na transição para o ano de 2021, os números voltaram a crescer. Essas alterações nos dados devem refletir a pandemia do COVID-19 que, iniciada em 2020, ano no qual as medidas de proteção contra o vírus foram mais intensas, realizou-se menos exames citopatológicos. Ao compararmos o número de exames realizados e o número de diagnósticos, observou-se uma quantidade significativa de diagnósticos de neoplasia maligna no Brasil, o que induz que as mulheres que realizaram o exame no período pandêmico de 2020 provavelmente tenham o feito na condição diagnóstica e não por rastreio. Nesse contexto, vale ressaltar que os cerca de 15 mil novos casos de câncer de colo uterino identificados em 2021 convergem para a estimativa do INCA de cerca de 16 mil novos casos neste mesmo ano.

Em relação aos óbitos por neoplasia de colo uterino, os dados no Brasil evidenciam um leve aumento. Ao comparar, no país, os óbitos da neoplasia de colo de útero com o número de diagnósticos realizados, observa-se que, mesmo com baixa nos diagnósticos, os óbitos continuam aumentando. Supõe-se que pelo período pandêmico devido ao vírus SARS-CoV-2 e a baixa na realização do Papanicolau para rastreamento, de maneira preventiva, óbitos tenham ocorrido sem diagnóstico prévio.

Dessa maneira, levando em consideração a importância da colpocitologia oncótica cervical para descoberta precoce da neoplasia maligna de colo uterino e o quanto a pandemia de COVID-19 impactou negativamente na incidência da realização desse exame, se faz necessário reforçar sua relevância à comunidade alvo. Deve-se implantar políticas públicas de saúde que mobilizem mulheres em idade alvo para que retornem aos ambientes de saúde a fim da realização dos exames preventivos contra o câncer de colo de útero.

4. CONCLUSÕES

Com isso, reforça-se a hipótese de que as medidas de isolamento e distanciamento na pandemia de COVID-19 impactaram na incidência da realização dos exames citopatológicos preventivos e, conseqüentemente, no número de diagnósticos e óbitos por neoplasia maligna de colo uterino. Assim, faz-se necessário a mobilização do retorno das mulheres às áreas de saúde visando realização do Papanicolau.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, J. R. et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, ago. 2020.

INCA. **Câncer de colo de útero: Estimativa**. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/estimativa/sintese-de-resultados-e-comentarios>>. Acesso em: 14 nov. 2022b.

INCA. **Estimativa 2023: Incidência de câncer no Brasil**. Ministério da Saúde 2023. Acessado em 05 set. 2023. Online. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-2023.pdf>

LOPES, V. A. S.; RIBEIRO, J. M. Fatores limitadores e facilitadores para o controle do câncer de colo de útero: uma revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 9, p. 3431–3442, set. 2019.

MS. **Cadernos de Atenção Básica: controle dos cânceres do colo do útero e da mama**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_canceres_colo_uterio_2013.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MS. **Condiloma acuminado (Papilomavírus Humano - HPV)**. Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Acessado em 23 ago. 2022. Online. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/infecoes-sexualmente-transmissiveis/condiloma-acuminado-papilomavirus-humano-hpv>

RANGEL, G.; LIMA, L. D. DE; VARGAS, E. P. Condicionantes do diagnóstico tardio do câncer cervical na ótica das mulheres atendidas no Inca. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 107, p. 1065–1078, dez. 2015.

RIBEIRO, C. M.; CORREA, F. DE M.; MIGOWSKI, A. Efeitos de curto prazo da pandemia de COVID-19 na realização de procedimentos de rastreamento, investigação diagnóstica e tratamento do câncer no Brasil: estudo descritivo, 2019-2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 1, 2022.